

OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA PRODUÇÃO E DA AGROINDÚSTRIA DA SOJA NO BRASIL, NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Marisa Zeferino Barbosa¹
Roberto de Assumpção²

1 - INTRODUÇÃO

A soja constitui um dos produtos da maior relevância para a economia brasileira e possivelmente uma das culturas que apresentaram crescimentos mais expressivos no cultivo e no segmento agroindustrial na segunda metade do século XX no Brasil. A importância da soja no setor industrial de esmagamento de oleaginosas no Brasil é notória, dado que do total das indústrias de processamento desses produtos em atividade em 2000, quase a totalidade, ou 92% processavam soja.

A expansão da cultura ocorreu na década de 70, em resposta às condições favoráveis no mercado internacional, em função da intensificação do regime de confinamento de rebanhos na Europa e nos Estados Unidos. A quebra da safra mundial em 1972/73 aliada à suspensão das exportações norte-americanas proporcionaram a outros países, como o Brasil, a oportunidade de expandir suas lavouras. Também, a alternância com a safra do Hemisfério Norte constituiu um dos principais fatores para o aumento da produção de soja no País (BURNQUIST et al., 1994).

NOGUEIRA JUNIOR e NEGRI NETO (1982) comentam que níveis satisfatórios de preços internacionais; concessão de subsídios para aquisição de máquinas e insumos; política de auto-suficiência adotada para o trigo, beneficiando indiretamente a soja pela prática da sucessão de culturas; facilidade de mecanização da cultura com o aproveitamento da estrutura cooperativista do trigo; e, também, o rápido crescimento da avicultura brasileira constituíram-se em fatores favoráveis à expansão da sojicultura no País, visto que no período de 1966-75 a área plantada apresentou crescimento de 40% ao ano.

As concessões de incentivos também contribuíram para o desenvolvimento do complexo soja no Brasil. Nesse sentido, cabe ressaltar: a) os incentivos fiscais via crédito rural para custeio da cultura, na década de 70 (WARNKEN e FORGATY, 1994); b) os programas especiais e incentivos fiscais de colonização para atividades agropecuárias no Centro-Oeste (MUELLER, 1990); e c) as diversas intervenções governamentais, por meio de incentivos e suportes tecnológicos que reduziam o custo de produção e reforçavam a competitividade do produto brasileiro (BURNQUIST et al., 1994).

No tocante ao desenvolvimento agroindustrial, BELIK (1992) comenta que o surgimento da soja ao final dos anos sessentas foi acompanhado por uma política de modernização não somente da agricultura, mas também da agroindústria. Nesse contexto, WARNKEN (1999) destaca a disponibilidade de crédito subsidiado às indústrias. Também ALVAREZ; GUTIERREZ; MACHADO (1986) atribuem às características físicas e a composição química da soja, diferente das outras oleaginosas, a introdução de novos equipamentos para o seu processamento.

Em termos regionais, o crescimento da sojicultura ocorreu primeiramente no Sul e Sudeste do País, em função das condições edafoclimáticas favoráveis e proximidade dos portos de embarque, conforme BURNQUIST et al. (1994). Entretanto, segundo IGREJA; PACKER; ROCHA (1988), com o esgotamento dessas áreas de expansão, em virtude da diminuição da produtividade decorrente das restrições de crédito oficial e da maior diversificação das lavouras como forma de redução de risco, observou-se um menor crescimento em área na cultura da soja, a partir de 1980, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e em São Paulo, em favor do milho, algodão e pastagens cultivadas, enquanto movimento em sentido contrário foi constatado no Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, oeste de Mi-

¹Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

nas Gerais, Bahia e sul do Mato Grosso.

A ocupação agro-industrial do Centro-Oeste foi iniciado ainda na década de 70 com a adaptação da soja ao cerrado, seguida por uma segunda fase de crescimento, caracterizada pela expansão da cultura e também do milho para áreas mais distantes no Mato Grosso, onde a sojicultura revelou excelente produtividade. Esse processo que foi acompanhado pelo ingresso de *tradings* e pelo deslocamento de grandes conglomerados industriais, nos anos oitentas, fez com que a região se tornasse um pólo de atração de capitais, particularmente das empresas líderes do complexo agro-industrial (CASTRO e FONSECA, 1995).

A soja, juntamente com laranja e aves, é o produto que melhor representa a integração das atividades produtivas na evolução das cadeias agro-industriais, sendo a participação do capital internacional decisiva para a consolidação do complexo soja no País (CARMO, 1996).

Os Estados do Sul e Sudeste do Brasil constituem o principal pólo industrial do complexo soja. Entretanto, diante da expansão agrícola e particularmente da soja no Centro-Oeste, levando consigo o setor agro-industrial, faz-se relevante esta abordagem.

2 - OBJETIVO

Este artigo pretende abordar as modificações relativas à ocupação territorial da produção agrícola e do setor agro-industrial da soja no Brasil, como decorrência da transferência da liderança da Região Sul para a Centro-Oeste na produção dessa oleaginosa. Especificamente, analisa-se a evolução das capacidades instaladas de processamento de oleaginosas, de refino e de envase de óleos vegetais, em 1989, 1995 e 2000, nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país, com ênfase aos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Santa Catarina, denominados região tradicional, e Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, esses últimos definidos como região de fronteira³.

3 - MATERIAL E MÉTODO

³Conforme definição de WARNKEN (1999).

Foram utilizados os dados de produção de soja em grão da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), nos principais estados produtores, no período de 1980 a 2000. As capacidades instaladas de esmagamento de oleaginosas, de refino e de envase de óleos vegetais, por estado, em 1989, 1995 e 2000 foram obtidas diretamente da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE). A capacidade média de processamento de oleaginosas em cada região foi obtida através da divisão da capacidade de processamento pelo número de fábricas ativas. As capacidades instaladas de esmagamento de oleaginosas, de refino e de envase, em indústrias ativas e inativas, referem-se ao ano de 2000, em virtude de essas informações não estarem disponíveis para anos anteriores.

Em função desses novos tempos de globalização dos mercados, nos quais as informações sobre os produtos e sua logística necessitam ser cada vez mais ágeis, abre-se um espaço importante para a utilização da comunicação visual, que tem se tornado cada vez mais intensa na sociedade, em decorrência da rapidez com que o leitor pode assenhorear-se dessas informações.

Nesse sentido, utilizou-se da cartografia temática que, segundo Bertin (1973 e 1977), citado por MARTINELLI (1995), integra a representação gráfica e apresenta-se como uma linguagem dentre tantas outras. A cartografia foi construída pelos homens para reter, compreender e comunicar observações indispensáveis à sobrevivência, utilizando um espaço bidimensional atemporal e destinada ao sentido da visão, o que lhe confere uma supremacia sobre as demais linguagens, no sentido de demandar apenas um instante para a percepção do observador.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com os objetivos propostos no trabalho.

4.1 - A Produção Agrícola

A produção de soja em grão no Brasil, que passou de 14.887,4 milhões de toneladas em 1980, para 32.344,6 milhões de toneladas em

2000, com acréscimo de 117%, apresentou evolução diferenciada em termos regionais pelo acentuado crescimento da produção na Região Centro-Oeste, com participação de 12% na produção brasileira em 1980, para 36% em 1989; alcançando 46% em 2000. No mesmo período, a participação da Região Sul foi de 79%, 50% e 39%, respectivamente.

A disputa entre Rio Grande do Sul e Paraná pela liderança da produção nacional perdurou até 1990/91, quando a produção gaúcha caiu drasticamente, sendo então superada pela de Mato Grosso, cuja evolução, verificada em anos anteriores, já demonstrava as suas potencialidades na produção dessa oleaginosa. Após um período de retomada da liderança pelos estados sulinos, Mato Grosso desponta como maior produtor em 1999/00, quadro mantido na temporada 2000/01, quando deve responder por quase 25% da produção nacional. Acrescentando-se as parcelas de Mato Grosso do Sul e de Goiás, a Região Centro-Oeste consolida-se como o principal pólo sojicultor, responsável por 44% das 37,22 milhões de toneladas de soja a serem produzidas no País nessa safra (Figura 1).

4.2 - A Capacidade Instalada de Processamento de Oleaginosas

O sistema de produção de óleos vegetais comestíveis é composto por dois segmentos industriais: primeiramente, o processamento ou esmagamento dos grãos oleaginosos para se obter óleo bruto e, posteriormente, o refino desse derivado. O principal destino da produção de óleo de soja no Brasil é o mercado interno, cuja demanda é constituída pelas indústrias alimentícias e pelo mercado varejista (FREITAS; BARBOSA; FRANCA, 2000).

A capacidade de processamento de oleaginosas no Brasil foi crescente ao longo da década de 90, pois das 103.151 toneladas por dia em 1989, passou a 116.280t/dia em 1995 e a 125.560t/dia em 2000. No entanto, esse crescimento foi diferenciado regionalmente.

Em 1989, a região tradicional concentrava 82% do total, sendo 33.420t/dia (32%) no Paraná, 26.238t/dia (25%) no Rio Grande do Sul, 19.403t/dia (19%) em São Paulo e 6.020t/dia (6%) em Santa Catarina. A região de fronteira respondia por apenas 11%, distribuídos entre Goiás com 4.500t/dia (4%), Mato Grosso com

1.200t/dia (1%) e Mato Grosso do Sul com 6.100t/dia (6%). Para se ter uma idéia da capacidade instalada de esmagamento em 1989, verifica-se na figura 2 como essa variável foi transformada em uma ordem de grandeza visual.

Em 1995, apesar do crescimento, em termos absolutos, da capacidade instalada no Paraná e no Rio Grande do Sul, alcançando 35.370t/dia e 29.000t/dia, respectivamente, a participação relativa da região tradicional caiu a 71% do total brasileiro. Esse fato justifica-se pelo aumento em maiores proporções da capacidade instalada na região de fronteira, a qual passou a responder por 21% da capacidade nacional. Enquanto que Goiás alcançou 9.000t/dia, ou seja, o dobro da de 1989, no Mato Grosso, a capacidade instalada em 1995, de 8.330t/dia, equivalia a quase sete vezes a anterior. No Mato Grosso do Sul, o crescimento absoluto foi de 14% e alcançou 6.980t/dia (Figura 2).

A mesma tendência foi verificada em 2000, pois a par da ampliação da capacidade instalada no Paraná, que chegou a 37.730t/dia, a participação relativa da região tradicional decresceu para 69% do total brasileiro, demonstrando o fortalecimento da expansão na região de fronteira, em especial no Mato Grosso, onde a capacidade instalada alcançou 10.520t/dia, seguido por Goiás, com 9.760t/dia, e Mato Grosso do Sul, com 7.530t/dia. Desse modo, o Centro-Oeste passou a responder por 22% da capacidade instalada de esmagamento de oleaginosas do País, ou seja, o dobro do verificado em 1989. Destaca-se, inclusive, a ampliação da capacidade de processamento em Minas Gerais de 3.100t/dia para 5.900t/dia e também na Bahia, de 1.450t/dia para 4.800t/dia, entre 1989 e 2000 (Figura 2).

Em se tratando de capacidade de processamento de oleaginosas no Brasil deve ser considerada a sua ociosidade, um dos pontos críticos do setor. Conforme WARNKEN (1999), a "super Capacidade crônica da indústria de processamento de soja" está relacionada as políticas públicas de incentivo à industrialização e às exportações com valor agregado, fatores que favoreceram a construção de fábricas de maior porte. Também PAULA e FAVERET FILHO (1998) salientam que a concorrência pela matéria-prima entre os industriais e exportadores contribuem para o superdimensionamento das plantas industriais. Stülp e Plá (1992), citados por ROESSING (1999), estimaram que, em 1996, o índice de ociosidade da indústria de moagem de oleagino-



sas girava em torno de 40%.

Figura 1 - Produção de Soja em Grão (em 1.000t), Principais Estados Produtores, Brasil, 1980, 1990 e 2000.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

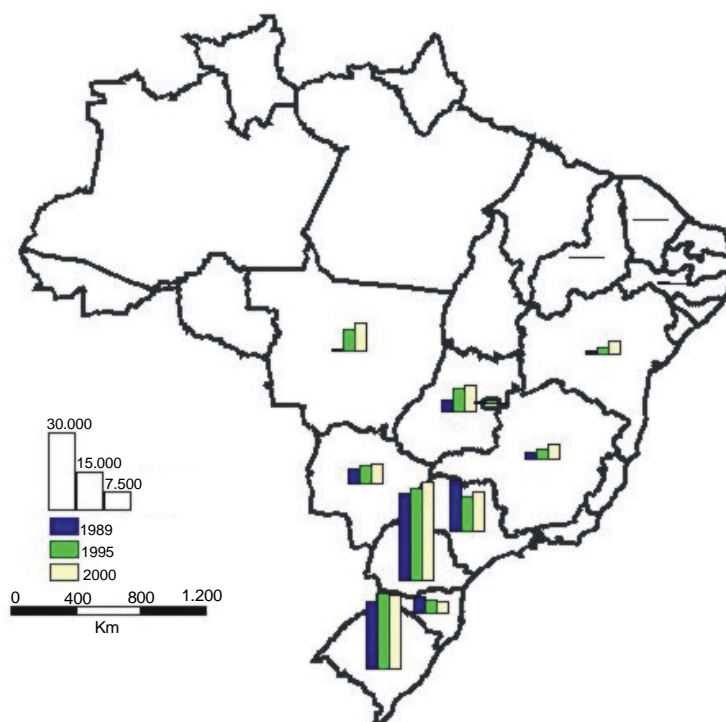


Figura 2 - Evolução da Capacidade Instalada de Esmagamento de Oleaginosas (em t/dia), Brasil, 1989, 1995 e 2000. Fonte: Elaborada pelos autores com dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

Considerando-se a capacidade instalada de processamento em fábricas em atividade de 32,0 milhões de toneladas por ano⁴ em 2000, e o esmagamento de soja em grão na temporada 2000/01, de 21,6 milhões de toneladas, estima-se uma utilização efetiva de 67,5% do parque instalado ativo no País e, portanto, uma ociosidade de 32,5%. Acrescentando-se a capacidade instalada inativa (5,6 milhões de toneladas anuais), essa ociosidade atinge 42,6%.

Analisando-se do ponto de vista regional, das 125.560 toneladas diárias de capacidade instalada no Brasil em 2000, 18.830t/dia ou 15% encontravam-se inativas e concentradas na região tradicional. No Paraná localizava-se a maior parcela da capacidade inativa de processamento de oleaginosas do País, de 6.630t/dia, seguido pelo Rio Grande do Sul com 6.450t/dia, que somadas às 2.000t/dia do Estado de São Paulo, perfaziam 80% do total das unidades sem operação. Já, o Mato Grosso do Sul abrigava a maior parte da capacidade inativa da região (2.350t/dia)⁵, seguido por Goiás, com 1.200t/dia.

Em Mato Grosso todas as fábricas encontravam-se em atividade, assim como no restante do país, com exceção do Ceará, onde todas as indústrias estavam paralisadas. Esses aspectos, bem como a ordem de grandeza entre as capacidades ativas e inativas, podem ser visualizados na figura 3.

O porte das indústrias também constitui característica específica de cada uma das regiões analisadas. WARNKEN (1999) comenta que a expansão da produção agrícola e industrial do complexo soja no Centro-Oeste implicou uma maior concentração de fábricas de maior porte naquela região, relativamente às existentes no Sul e Sudeste do País. Ainda, segundo o autor, em 1995, as unidades fabris instaladas naquela região de fronteira apresentavam capacidade média de processamento 35% superior que a da tradicional, ou seja, de 1.200 contra 900 toneladas por dia.

As estimativas das capacidades médias de esmagamento aqui realizadas indicam que, em 2000, as indústrias instaladas na região de fronteira apresentavam capacidade diária de

⁴O ano operacional da indústria é de 300 dias.

⁵É interessante salientar que, em 2000, a capacidade de processamento de oleaginosas em fábricas inativas no

Mato Grosso do Sul era superior a do Estado de São Paulo.

1.277t/dia, contra 1.094t/dia na tradicional⁶.

4.3 - A Capacidade de Refino e de Envase de Óleos Vegetais

As indústrias de refino de óleos vegetais localizam-se próximas aos grandes centros urbanos, diferentemente das de processamento que situam-se perto da matéria-prima. Em 1995, havia no Brasil uma capacidade de refino de 14.327t/dia, das quais 40,3% situava-se na Região Sudeste, sendo 33,5% no Estado de São Paulo. Comparativamente a 1989, verificou-se declínio de 3,2% ao ano da capacidade de refino na Região Sudeste e crescimento de 11,5% a.a. na Região Centro-Oeste, refletindo uma tendência de as refinarias situarem-se próximas às indústrias de esmagamento, uma vez que a capacidade de processamento também foi expandida nessa região (FREITAS; BARBOSA; FRANCA, 2000).

Em 2000, o Brasil contava com uma capacidade de refino de óleos vegetais de 15.252t/dia, das quais 5.720t/dia (38%) localizavam-se no Estado de São Paulo, seguido pelo Paraná, com 2.620t/dia (17%); e pelo Rio Grande do Sul, com 2.040t/dia (13%). Na região de fronteira, o Estado de Goiás é o que apresentava a maior capacidade instalada, de 1.420t/dia, depois Mato Grosso do Sul, com 490t/dia. Diferentemente do esmagamento, Mato Grosso tinha pouca expressão nesse estágio de processamento, apenas 240t/dia. Observa-se, também, que, com exceção de Santa Catarina e Rio de Janeiro, Estados onde ocorreram reduções, os demais apresentaram estabilidade ou mesmo expansão da capacidade de refino, entre 1995 e 2000, como foi o caso de São Paulo (Figura 4).

Na análise da capacidade de refino, considerando-se as indústrias inativas, constatou-se que a maior parcela das 882t/dia paralisadas no País estavam localizadas na região tradicional: 39% no Paraná, 28% em São Paulo e 15% no Rio Grande do Sul. Com exceção daquelas instaladas no Distrito Federal e no Ceará, todas as fábricas de refino de óleos vegetais encontra-

⁶Refere-se à capacidade de 71.110t/dia e 65 fábricas ativas na região tradicional; e de 24.260t/dia e 19 indústrias na de fronteira, em 2000, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

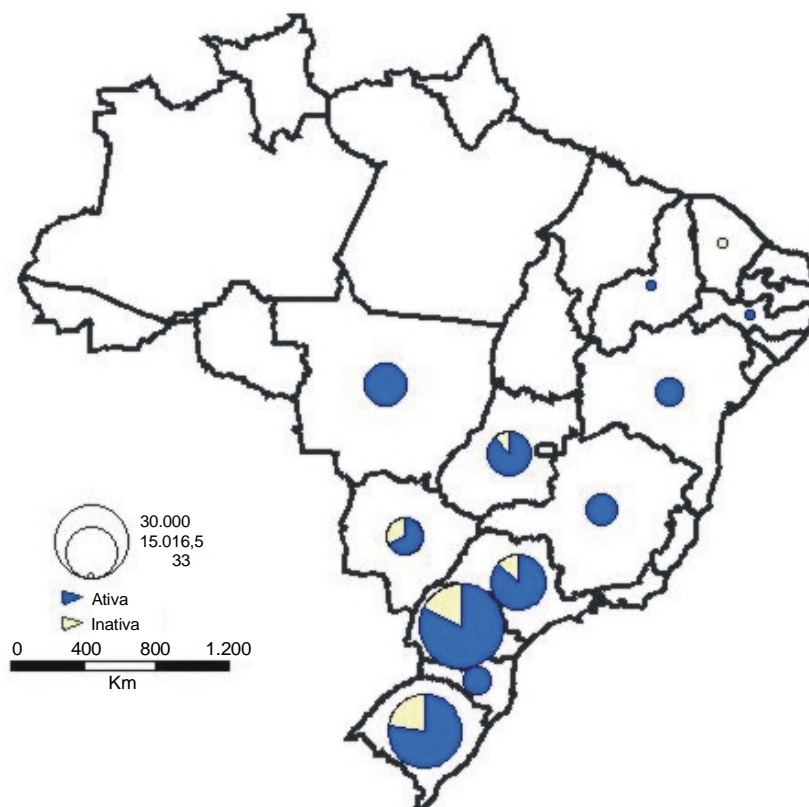


Figura 3 - Capacidade Instalada de Esmagamento de Oleaginosas (em t/dia), Fábricas Ativas e Inativas, Brasil, 2000.
 Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

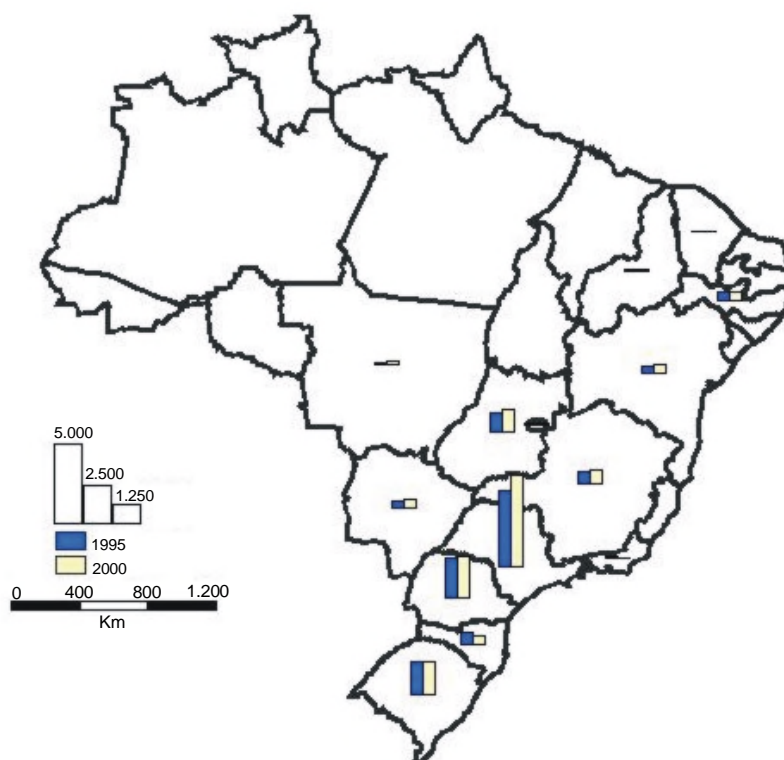


Figura 4 - Evolução da Capacidade Instalada de Refino de Óleos Vegetais (em t/dia), Brasil, 1995 e 2000.
 Fonte: Elaborada pelos autores com dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

vam-se em operação nas demais Unidades da Federação (Figura 5).

A capacidade de envase ou de acondicionamento em embalagens⁷ de óleos vegetais tende a acompanhar a capacidade instalada de refino. Assim, em 2000, o Estado de São Paulo detinha a maior parcela da capacidade de envase, de 3.806t/dia, sendo que desse total 266t/dia encontravam-se em unidades fabris desativadas. No Paraná, cuja capacidade instalada era de 2.547t/dia, 290t/dia estavam desativadas, fazendo com que esse Estado abrigasse a maior capacidade inativa de envase do País. Na região de fronteira verificou-se ampliação da capacidade instalada de envase, entre 1995 e 2000, em Goiás de 1.238t/dia para 1.310t/dia, no Mato Grosso de 225t/dia para 240t/dia, no Mato Grosso do Sul de 540t/dia para 600t/dia e, também, na Bahia de 608t/dia para 795t/dia. Destaca-se, ainda, que, em 2000, toda a capacidade instalada nesses Estados, inclusive em Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí e em Pernambuco, encontrava-se em funcionamento (Figuras 6 e 7).

5 - CONCLUSÕES

A evolução da cultura da soja e de seu complexo agro-industrial apresentou duas fases de expansão no Brasil, no tocante à localização geográfica, desde a introdução do cultivo no País. A primeira fase de crescimento ocorreu na Região Sul, cuja liderança até recentemente na produção agrícola proporcionou a instalação de vasto parque de processamento de oleaginosas, o maior do País. Embora iniciado ainda nos anos setentas, o crescimento da sojicultura, atrelado à instalação de unidades agro-industriais na Região Centro-Oeste, mostrou-se bastante expressivo nos anos noventa, e contribuiu para as modificações na participação relativa de cada uma das regiões, no esmagamento dessa matéria-prima.

Os resultados permitiram concluir que a ampliação da capacidade instalada de esmagamento de oleaginosas no Brasil, no período analisado, ocorreu sobretudo pelo aumento em outros estados da Federação que não compõem a região tradicional. Assim, a região de fronteira com-

preendida por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, considerando-se, ainda, Minas Gerais e Bahia aumentaram suas participações relativas na capacidade instalada no País, enquanto observou-se o inverso na região tradicional composta por Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Inclusive, pode-se constatar que as unidades fabris de esmagamento localizadas no Centro-Oeste são de maior porte, ou seja, contam com uma capacidade média por unidade superior, comparativamente as do Sul e Sudeste.

Verificou-se, também, que a maior parcela da capacidade instalada de esmagamento de oleaginosas inativa encontra-se nos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e em São Paulo, o que indica uma concentração da capacidade ociosa nessa região tradicional. Esse fato não se explica tão somente pela ampliação da capacidade de esmagamento na região de fronteira, mas também está relacionado às mudanças na dinâmica do processamento de soja no País decorrentes da atual estrutura tributária relativa ao Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que isenta as exportações de soja e derivados e mantém a incidência desse imposto na movimentação interna dos produtos. Essa situação cria um quadro mais favorável às exportações da matéria-prima, em detrimento dos derivados, contribuindo, assim, para o aumento da capacidade ociosa do parque moageiro nacional⁸.

Tratando-se de exportações brasileiras do complexo soja, devem ser consideradas, ainda, as elevadas barreiras tarifárias incidentes sobre processados impostas pelos principais importadores mundiais, que atualmente associada à ocorrência da doença conhecida como "vaca louca" tende a fortalecer a preferência pela matéria-prima para processamento nos países importadores, visando a produção de ração a partir de produtos de origem vegetal em substituição aos de origem animal.

Nas etapas a jusante do esmagamento, verificou-se que entre 1995 e 2000 houve aumento nas capacidades de refino e de envase de óleos vegetais em ambas as regiões analisadas. Entretanto, a região tradicional concentrou capacidade instalada inativa.

⁷O acondicionamento de óleos vegetais refinados pode ser feito em três tipos de embalagens: de latas (folhas de flandres), de pet (plásticas) e cartonadas (tetra pack), conforme FREITAS; BARBOSA; FRANCA (2000).

⁸A modificação na composição das exportações brasileiras do complexo soja no sentido do aumento das vendas externas do grão em detrimento das de farelo, no período de 1994 a 1999, foi analisada por BARBOSA; FERREIRA; FREITAS (2000).

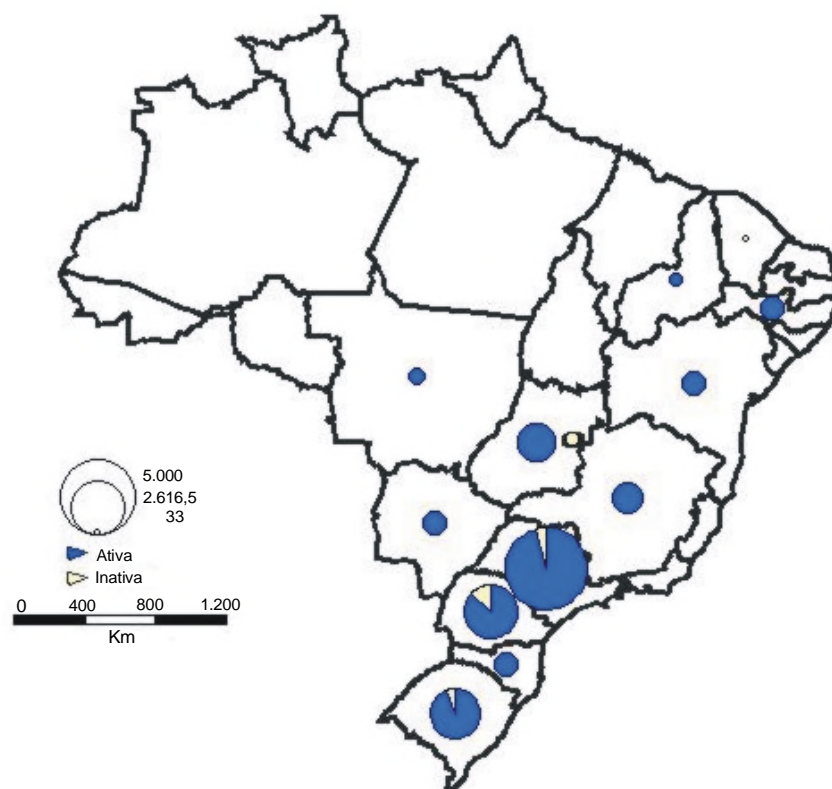


Figura 5 - Capacidade Instalada de Refino de Óleos Vegetais (em t/dia), Fábricas Ativas e Inativas, Brasil, 2000.
 Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

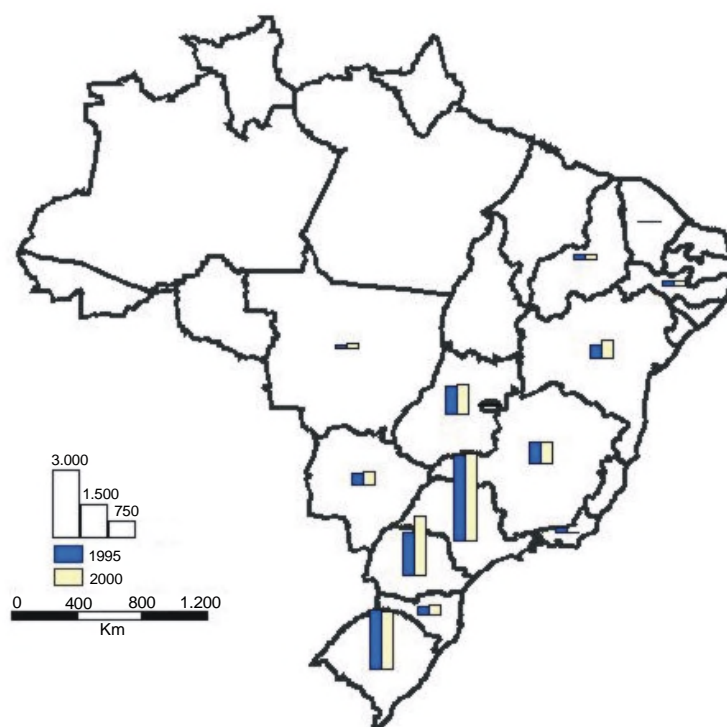


Figura 6 - Evolução da Capacidade Instalada de Envase de Óleos Vegetais (em t/dia), Brasil, 1995 e 2000.
 Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

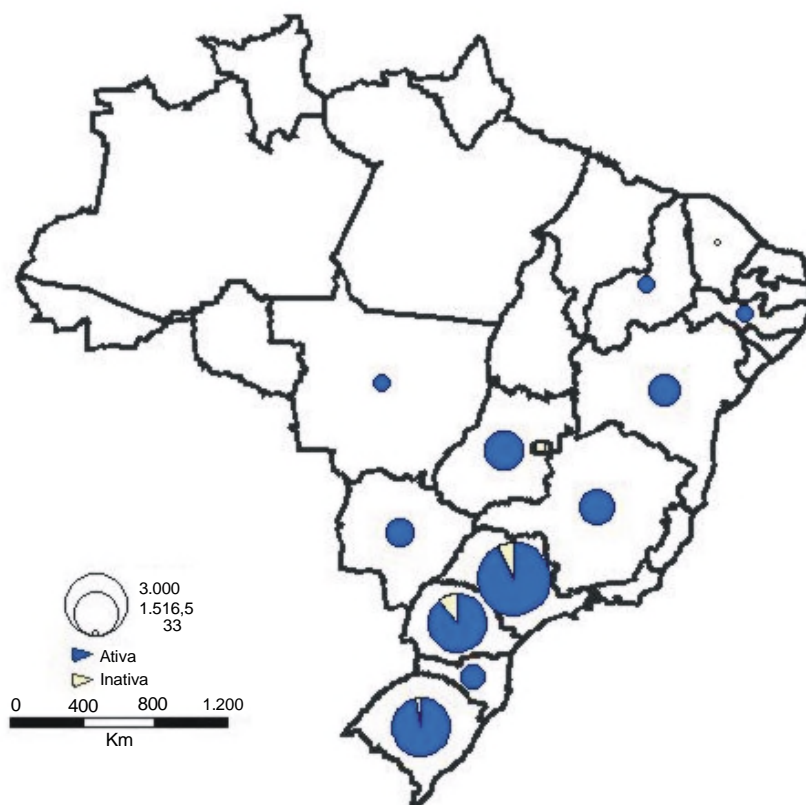


Figura 7 - Capacidade Instalada de Envase de Óleos Vegetais (em t/dia), Fábricas Ativas e Inativas, Brasil, 2000.
 Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE).

LITERATURA CITADA

ALVAREZ, V. M.; GUTIERREZ, R. H.; MACHADO, M. G. M. S. T. **Dinâmica técnica do setor de óleos vegetais**. São Paulo, Secretaria de Estado da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1986. 8 p. Mimeo.

BARBOSA, M. Z.; FERREIRA, C. R. R. P. T.; FREITAS, S. M. Comportamento dos preços de soja e derivados nas exportações brasileiras no período 1988-97. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 25-30, fev. 2000.

BELIK, W. **A agroindústria processadora e a política econômica**. Campinas. UNICAMP/IE. 1992. 219 p. Tese Doutorado. Instituto de Economia, Universidade de Campinas.

BURNQUIST, H. L. et al. **Liberalização comercial**: um fator de desenvolvimento do setor agrícola brasileiro. Brasília: IPEA, mar. 1994. (Estudos de Política Agrícola, 14).

CARMO, M. S. do. **(Re)estruturação do sistema agroalimentar no Brasil**: a diversificação da demanda e a flexibilidade da oferta. São Paulo: IEA, 1996. 256 p. (Coleção Estudos Agrícolas, 5).

CASTRO, A. C.; FONSECA, M. G. **A dinâmica agro-industrial do Centro-Oeste**. Brasília: IPEA, 1995. 220 p. (Série IPEA, 148).

FREITAS, S. M.; BARBOSA, M. Z.; FRANCA, T. J. F. Cadeia de produção de soja no Brasil: o caso do óleo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 30-41, dez. 2000.

IGREJA, A. C. M.; PACKER, M. F.; ROCHA, M. B. **A evolução da soja no Estado de Goiás e seu impacto na composição agrícola**. São Paulo: IEA, 1988. 20 p. (Relatório de Pesquisa, 16/88).

MARTINELLI, M. **A representação do aspecto quantitativo com manifestação em superfície na cartografia temática: reflexões teóricas e críticas.** [S.l.:s.n.], 1995. Mimeo.

MUELLER, C. C. Políticas governamentais e expansão recente da agropecuária no Centro-Oeste. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 3, p. 45-74, jun., 1990.

NOGUEIRA JUNIOR, S.; NEGRI NETO, A. **Crescimento diferenciado da soja no Brasil: uma análise regional.** São Paulo: IEA, 1982. 23 p. (Relatório de Pesquisa, 3/82).

PAULA, S. R.; FAVERET FILHO, P. Panorama do complexo soja. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 85-118, set. 1998.

ROESSING, A. C. **Prospecção de demandas tecnológicas da cultura da soja para a região Centro-Oeste.** [S.l.:s.n.], 1999. Mimeo.

WARNKEN, P. A indústria de processamento da soja. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, v. 8, n. 4, p. 20-25, out./dez. 1999.

_____; FORGATY, D. O crédito agrícola e a expansão da soja no Brasil. _____, Brasília, v. 3, n. 1, p. 18-28, jan./mar., 1994.

OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA PRODUÇÃO E DA AGROINDÚSTRIA DA SOJA NO BRASIL, NAS DÉCADAS DE 80 E 90

RESUMO: *O presente artigo mostra a evolução da ocupação territorial da produção agrícola da soja nos principais Estados produtores do Brasil, entre a década de 80 até o ano 2000, e a partir daí como se deu a expansão de seu complexo agro-industrial. Foram analisadas as capacidades instaladas ativas e inativas de esmagamento de oleaginosas, de refino e de envase de óleo vegetais, nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, definidos como região tradicional, e em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, denominados aqui como região de fronteira. Constatou-se uma evolução da cultura da soja e de seu complexo agro-industrial em direção à região de fronteira e um aumento da capacidade ociosa de esmagamento na região tradicional.*

Palavras-chave: *soja, agroindústria, ocupação territorial.*

TERRITORIAL OCCUPATION OF THE SOY PRODUCTION AND AGRIBUSINESS IN BRAZIL, IN THE 80 AND 90 DECADES

ABSTRACT: *The present article shows the evolution of territorial occupation in the agricultural production of soy in the main Brazilian producing states, from the 1980's to the year 2000. From then on, the expansion of its agro-industrial complex is explained. The active and idle installed capacities for oil-seeds crushing and for vegetable oils bottling and refining were analyzed for the states of Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná and São Paulo - defined as traditional areas-, and for the states of Mato Grosso, Mato Grosso do Sul and Goiás - herein called frontier areas. An evolution in the soy culture and in its agro-industrial compound was verified towards the frontier areas and an increase in the idle crushing capacity in the traditional area.*

Key-words: *soy, agribusiness, territorial occupation.*

Recebido em 04/06/2001. Liberado para publicação em 20/09/2001.

Informações Econômicas, SP, v.31, n.11, nov. 2001.